

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

As mulheres no mundo do trabalho [Women in the world of work]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Hirata, Helena
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-30 09:50:59
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163370

apresentam pelo trabalho que fazem, ou até pela falta dele, no caso “sou um desempregado”?

Rosiska Darcy de Oliveira – A reengenharia do tempo ajudaria demais a mudar a mentalidade das pessoas em relação a permitir que o indivíduo se defina pelo que ele é, e não pelo emprego que tem ou não tem. O que ele é, é muito mais do que o emprego. Um ser humano é membro de uma comunidade, de uma família, é amigo dos seus amigos, é membro de um clube, é membro de uma atividade voluntária. Ele é muitas coisas, é amante de alguém, mãe ou pai de seus filhos, é uma série de coisas. As pessoas não podem ser definidas apenas pela sua mão-de-obra. Isso faz parte da ideologia de uma sociedade de consumo que está nos levando a um enorme desastre. É um desastre essa sociedade.

IHU On-Line - Quais os rumos que podem se prever para uma sociedade assim?

Rosiska Darcy de Oliveira – Em abril vou fazer uma conferência sobre isso. Essa é uma pergunta realmente complexa. Desde 1992, quando eu coordenei o Planeta Fêmea, aqui no Rio de Janeiro, venho insistindo que nós tínhamos chegado a um impasse na civilização. Nós estamos realmente nesse impasse. Não vamos poder continuar vivendo com a demanda predatória da terra que nós temos hoje. Temos que combater isso, refazer os objetivos da civilização. A reengenharia do tempo também é um dos elementos desse refazer civilizatório em nome de novos valores.

IHU On-Line – Que mensagem daria às mulheres no dia Internacional da Mulher?

Rosiska Darcy de Oliveira – Digo a elas que pensem no sentido da vida, pensem no tempo, defendam o seu tempo e a sua felicidade.

AS MULHERES NO MUNDO DO TRABALHO

Entrevista com Helena Hirata

*Helena Hirata é socióloga especializada em comparações internacionais do trabalho e das relações de gênero, formada em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Militante feminista e pesquisadora do GEDISST (Grupo de Estudos sobre a Divisão Social e Sexual do Trabalho) e do CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica) da França. Entre outros livros, é autora de **Sobre o Modelo Japonês. Automatização, novas formas de organização e relações de trabalho**. São Paulo, EDUSP/Aliança Cultural Brasil Japão, 1993. E **Nova divisão sexual do trabalho? O olhar voltado para a empresa e a sociedade**. Boitempo: São Paulo, 2002. Cfr. resenha publicada no IHU On-Line Nº 42, publicado no dia 11 de novembro de 2002..*

IHU On-Line - Como vê os movimentos feministas atualmente e em que eles contribuíram na luta das mulheres no mundo do trabalho?

Helena Hirata – Desde os anos 1970, os movimentos feministas começaram a se desenvolver em todo o mundo. No Brasil e na América Latina, sobretudo a partir de 1975, quando se reuniu, na Cidade do México, a Conferência Mundial do Ano Internacional da Mulher, patrocinada pela ONU, surgiram jornais, imprensa feminista, etc., e desde então as mulheres têm participado de muitas lutas que, às vezes, não são feministas no sentido estreito, mas que são mais amplamente movimentos sociais, por exemplo, de luta para melhores habitações, creches, ruas iluminadas, toda uma série de movimentos sociais, de moradia, de melhores condições de vida, que são lutas mais amplas do que propriamente feministas, mas em que as mulheres têm tido um papel bastante importante.

IHU On-Line - A senhora pesquisa há algum tempo a realidade das mulheres e o mundo do trabalho no Japão, França e Brasil. Qual é o principal desafio comum a esses países e qual as principais diferenças?

Helena Hirata – O problema e o desafio comum é que continua a haver desigualdades muito importantes entre homens e mulheres, tanto no trabalho profissional e no doméstico, no interior da família, quanto nas relações de poder, isto é, nos diferentes parlamentos, senados, assembleias, etc. O poder está muito mal dividido. Os homens são detentores de poder, tanto nos senados e parlamentos quanto nos sindicatos, nas universidades... Os melhores postos, os postos onde há mais poder, são ocupados por homens. Quanto ao trabalho doméstico, são as mulheres que o realizam, gratuito, o que permite aos homens se dedicarem mais à carreira, à formação, à melhor instrução. O desafio nesses três países é enfrentar essa desigualdade entre homens e mulheres e tentar instaurar e lutar por uma igualdade. No Japão, há muita dificuldade para as mulheres repartirem o trabalho doméstico com os homens. Também há muita diferença no investimento nas fábricas, nas empresas industriais. As mulheres não conseguem ascender ao grau de executivas, por exemplo, de nível superior, elas são sempre operárias, são sempre trabalhadoras de tempo parcial, muito mal pagas. Na França e no Brasil, há um número restrito, mas já significativo de mulheres que têm uma posição de executivas, ou que exercem profissões de nível superior. O Japão tem um nível maior de opressão sobre as mulheres. Quando comparamos o número maior de horas de trabalho doméstico, vemos que na França, uma mulher casada, com filhos pequenos, trabalha em casa, em trabalho doméstico, quatro horas e meia, e os homens duas horas e meia, enquanto, no Japão, as mulheres trabalham mais ou menos quatro horas e meia, e os homens trabalham apenas meia hora por dia. No Brasil, não existem estatísticas sobre o tempo de trabalho doméstico. Mas há uma diferença muito grande em relação à França e ao Japão, que é a presença das empregadas domésticas e das diaristas cujo número é muito restrito para pessoas de muitos recursos, na França e no Japão, onde, em geral, não há tantas empregadas domésticas e diaristas como no Brasil. Isso significa que as mulheres podem dedicar mais tempo ao trabalho profissional. As mulheres que, sem possibilidades de terem diaristas ou empregadas domésticas, precisam trabalhar muito em casa e fora de casa. Há, ainda, o problema de ausência de creches. Embora o número tenha aumentado um pouco, ainda é nitidamente insuficiente em relação ao número de crianças que precisam de creche, de escolas maternas, etc., o que torna a situação bastante difícil. No Brasil, as empregadas domésticas constituem mais ou menos 20% da população trabalhadora feminina.

IHU On-Line – Um comentário do seu livro *Nova Divisão Sexual do Trabalho*, diz que de sua pesquisa resulta uma reconceitualização do trabalho em sua subjetividade ao mesmo tempo sexuada e de classe. Poderia explicar um pouco mais essa reconceitualização?

Helena Hirata – A reconceitualização do conceito de trabalho é que, em geral, os economistas, os sociólogos, consideram o trabalho unicamente como trabalho assalariado, o trabalho profissional. Temos que estender e ampliar o conceito de trabalho bem para além do trabalho profissional e assalariado, porque o trabalho doméstico também é um trabalho e tão nobre e criador de riqueza quanto o trabalho profissional, com a única diferença que ele não é pago, é efetuado gratuitamente pelas mulheres e por amor pelo marido, pelo companheiro, pelos filhos, etc. O trabalho informal que existe no Brasil em maior quantidade que o trabalho formal, também é um trabalho. Tão digno e produtor de riquezas quanto o trabalho formal. A reconceitualização é incluir todas as formas de trabalho que estão fora do circuito mercantil,

mas que são atividades produtoras de riquezas, de toda uma série de bens que são extremamente necessários para os homens e para as mulheres.

***IHU On-Line* – Há autores que assinalam como caminhos para sair da crise no mundo do trabalho atual, a questão da redução da jornada, ou a separação de trabalho e renda. O que a senhora acha disso?**

Helena Hirata – Se for possível diminuir a jornada de trabalho e repartir o tempo que é ganho para outros trabalhadores desempregados, isso seria certamente um bom caminho. As dificuldades que temos visto aqui na França é que a diminuição da jornada que houve por lei, de cima para baixo, que chamamos de *Lei Aubry*, em alusão à Ministra do Emprego, do governo de esquerda que precedeu o governo atual de Jacques Chirac, não criou tantos empregos novos, porque, muitas vezes, o tipo de emprego oferecido não corresponde necessariamente com o tipo de mão-de-obra que se oferece para esses empregos. Às vezes, existe esse problema de adequação. A questão da renda, de que todo mundo tem direito a trabalho e a renda, continua sendo um objetivo e uma idéia importante, porque, hoje em dia, com a crise do emprego e do trabalho, com a crise econômica que tem redundado numa diminuição muito grande de salários e desigualdade maior entre ricos e pobres, se não se propõem soluções políticas de criação voluntarista de mais empregos e de direitos sociais sobretudo, de direitos sociais fundamentais, a situação evidentemente se torna, inclusive na França, cada vez mais intolerável.

***IHU On-Line* – Essa idéia de separação de trabalho e renda é uma utopia?**

Helena Hirata – Não é uma utopia, mas temos que ver em que contexto é proposta essa separação entre renda e trabalho. Muitas vezes, isso pode ser considerado como uma ótica assistencialista pelos próprios beneficiários. É importante que as pessoas não se sintam como assistidos, como recebendo uma esmola, ou uma renda que não corresponde ao que a pessoa mesmo desejaria fazer para ter o direito a essa renda, a esse trabalho. É importante que o trabalho seja considerado do ponto de vista do seu sentido. O que o homem e a mulher sentem pelo fato de trabalharem, o sentido que isso dá para a vida deles, é uma coisa importante. Outorgar uma renda não vai substituir esse sentido do trabalho.

***IHU On-Line* – Muitas empresas atualmente estão passando por situações de terceirização e redução de mão-de-obra. Isso cria um ambiente de muito medo e insegurança nos trabalhadores. Como especialmente isso é vivido pela mulher?**

Helena Hirata – Para a mulher a situação é bem pior do que para o homem, porque o homem acha que ele tem direito ao trabalho e para as mulheres o direito ao trabalho é sempre um ponto de interrogação. As mulheres não se sentem legitimadas do fato de trabalharem, porque existe uma ideologia dominante de que elas têm um trabalho complementar ao dos homens, ou que cabe às mulheres principalmente cuidar da família, das crianças e trabalhar para elas é secundário. Elas têm dificuldade de sentir a legitimidade do seu trabalho. Quando elas vêem uma fila de desempregados, ou quando elas estão numa empresa terceirizada, com mão-de-obra terceirizada, sua insegurança é ainda maior que a dos homens que já é muito grande. A experiência de terceirização tem aumentado enormemente junto com a questão da flexibilidade. Porque a flexibilidade do emprego, do tempo de trabalho, tem se acentuado bastante e graças à terceirização, ao tempo parcial, houve essa possibilidade de as empresas conseguirem explorar a força de trabalho.

***IHU On-Line* – Na França e no Japão, isso se dá da mesma maneira?**

Helena Hirata – No caso da terceirização, ela é muito mais desenvolvida em países como o Japão, que empregam pouquíssimas pessoas em trabalho regular, porque ele custa caro, é pouco flexível. O número de trabalhadores terceirizados é bem mais importante sobretudo depois da crise, isto é, nos últimos cinco anos. A conciliação que as mulheres devem fazer entre vida profissional e vida familiar é bastante mais complicada, porque elas contam realmente com pouquíssima possibilidade de creches, de escolas, de maternais, muito menos do que no Brasil ou na França. Isso torna realmente a situação das mulheres japonesas bem mais vulnerável. Uma situação comum a todas as mulheres dos três países é essa terceirização da economia, o fato de que houve um aumento importante do setor de serviços nos três países, e esse setor de serviços, que é o comércio, os serviços pessoais, etc., tem absorvido muito a mão-de-obra feminina, inclusive, em setores que tornam a conciliação de uma certa forma mais simples, como o esquema do teletrabalho, do trabalho a domicílio, com terminal de computador, mais artesanal. Quando eu estive no Rio Grande do Sul para fazer pesquisas em setores como a indústria de vidro, eu vi que há muito trabalho a domicílio, por exemplo, para a indústria de calçados, que é feito pela família em casa. Esse tipo de trabalho a domicílio e a indústria de serviços de maneira geral é um traço comum aos três países e é provocado por todas essas similitudes, convergências que provêm do movimento de globalização econômica e financeira, que aproxima a situação de países muito diferentes.

IHU On-Line – **Haveria, então, uma flexibilização mais a serviço da pessoa humana, e uma outra que é mais exploradora?**

Helena Hirata – Poderia haver uma flexibilidade mais estruturadora, mais enriquecedora para as próprias pessoas, mas, nesse caso, são elas que deveriam propor formas de flexibilidade que consideram úteis e positivas. O problema é que o tempo parcial que permite conciliar melhor a atividade familiar e a atividade profissional nem sempre é uma flexibilidade escolhida pelas pessoas. Muitas vezes, ela é imposta pelas empresas. Aqui na França, todo o comércio, os supermercados, os grandes departamentos, como a Galeria Lafayette, só empregam vendedoras em tempo parcial, a metade do tempo integral, que é hoje de 39 horas por semana. Elas não querem trabalhar a metade do tempo, porque o salário não é suficiente para poder pagar um aluguel, telefone, gás, luz, etc. São formas de flexibilidade impostas pelas empresas.

IHU On-Line – **Como a senhora vê os altos índices de desemprego, no Brasil, uma vez que as expectativas para esse governo eram bem diferentes?**

Helena Hirata – Eu não sei o que tem sido dito pelo governo em termos de resolução do problema do desemprego, se o governo considera que vai ser resolvido num segundo momento ou mais tarde. O problema do desemprego no Brasil é muito grave. Houve um desemprego estrutural muito importante. Não é que, de repente, surgiu uma grande taxa de desemprego que tem se agravado, mas a situação de falta de emprego pelo tipo de desenvolvimento capitalista no Brasil foi um dado mais ou menos estrutural. Os projetos de políticas industriais setoriais têm sido elaborados no sentido de considerar a questão da criação de emprego. A eficácia das medidas desse tipo são relativamente limitadas e as políticas diretamente sociais, ou de criação de empregos, políticas mais diretamente sociais, aparentemente não têm sido priorizadas no governo atual, infelizmente.

IHU On-Line – **Isso mostra o lugar que se dá ao trabalho numa sociedade? Que lugar deveria ser dado?**

Helena Hirata – O trabalho é absolutamente central na sociedade, mesmo para os desempregados, porque estão à procura de trabalho. Para as mulheres, mesmo as que estão

em casa, que não trabalham fora, etc., o trabalho faz parte de todos os momentos da vida delas, porque todo trabalho doméstico é como outro tipo de trabalho. Existe uma importância estruturadora da personalidade das pessoas pelo trabalho. É realmente algo extremamente central para a sociedade, para as empresas, em relação à construção social, à educação, a todos os pontos de vista. Parece-me que há uma centralidade do trabalho tanto na vida social quanto para a construção da subjetividade das pessoas, inclusive problemas sociais, como a fome, se resolveriam com propostas de trabalho.

***IHU On-Line* – Como implementar uma nova organização sexual do trabalho e portanto uma mudança na esfera doméstica e na divisão tanto do saber quanto do poder entre os sexos?**

Helena Hirata – Realmente os homens têm um lugar privilegiado na sociedade, tanto nas empresas, nas organizações, quanto no interior das casas, das famílias, etc. Os homens, mesmo os mais bem intencionados, os nossos próprios maridos, companheiros, etc., não vão deixar de lado seus privilégios, se não houver uma correlação de forças. É necessário o estabelecimento de uma correlação de forças, para que os homens abandonem uma parte de seus privilégios e consintam em viver de uma forma igualitária com as mulheres e com menos privilégios. Isso não virá sem luta, sem mobilização, sem movimento feminista.

***IHU On-Line*- Quais os problemas que mais se ocultam no mundo do trabalho feminino?**

Helena Hirata- A questão do assédio sexual, por exemplo, é muito forte. Ao mesmo tempo, em um mesmo lugar, pode haver tanto exploração econômica quanto opressão sexual. Em geral, o assédio sexual, moral é exercido por chefes contra as mulheres no universo profissional, o que é muito grave, porque provoca traumatismos importantes do ponto de vista psicológico e até leva mulheres ao suicídio, à depressão. Isso é muito mais comum do que imaginamos, só que, em geral, fica oculto, porque as mulheres, em vez de denunciarem, se culpam, quando, na realidade, são vítimas. Esse problema pode se encontrar em todos os tipos de trabalhos em que mulheres estejam sob a hierarquia de homens. Não acontece com as mulheres diretoras ou presidentes de empresas, mas é um número ínfimo de mulheres que ocupam posições desse nível na sociedade brasileira e mesmo nas outras como a francesa e japonesa.

***IHU On-Line*- O que está pesquisando atualmente?**

Helena Hirata- Atualmente, estou pesquisando o desemprego nos três países com uma equipe no Brasil, na França e no Japão. Os tipos de desempregados, os casos dos jovens que buscam seu primeiro emprego, o caso das mulheres que tiveram crianças pequenas e deixaram de trabalhar e depois voltaram ao mercado de trabalho, quando os filhos cresceram. Pesquisamos operários industriais que foram mandados embora por causa da crise. Tentamos pesquisar a representação que essas pessoas fazem do desemprego, como elas vivem o desemprego e quais são as instituições que ajudam ou que são solidárias. Nesse momento, no caso do Brasil, identificamos que a Igreja é um sustentáculo. Ela apóia e respalda as pessoas em crise por falta de empregos. Há também escassos programas governamentais, mas dão pouco respaldo material. E, fundamentalmente a família, no Brasil, se mostra como a maior rede de solidariedade.

***IHU On-Line*- Uma mensagem para o Dia Internacional da Mulher.**

Helena Hirata- Hoje em dia, graças ao avanço do nível de educação, as mulheres são mais escolarizadas e mais diplomadas do que os homens em todos os níveis. Esse nível de qualificação não corresponde ao tipo de emprego, de salários ao que elas deveriam ter direito.

Há um abismo muito grande entre a formação, cada vez maior, das mulheres em todo o mundo, inclusive no Brasil e a falta de oportunidades em termos de empregos qualificados, valorizados socialmente, bem pagos, etc. Acho que é fundamental uma reflexão das mulheres mais qualificadas que leve em conta as diferenças entre homens e mulheres, de classe social e de etnias, porque, no Brasil, por exemplo, as mulheres brancas ganham mais do que os homens negros, então a reflexão tem que levar em conta a questão de gênero e também de raça. Todas as condições históricas e sociais começaram a existir um dia e podem deixar de existir, se houver uma reflexão e uma construção de estratégias contra esse estado de coisas. A igualdade pode ser uma utopia em direção à qual devemos nos dirigir.

AS MULHERES E A TEOLOGIA

DA HERMENÊUTICA DA SUSPEITA PARA A RELEITURA FEMINISTA

Entrevista com Ivone Gebara

*Doutora em filosofia pela PUC –SP, com uma tese sobre Paul Ricoeur, Ivone Gebara é religiosa da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora. Estudou teologia e em 1973 se transferiu para Recife. Durante 17 anos foi professora de Teologia e Filosofia no Instituto Teológico de Recife, fechado em 1989 pelo Vaticano. É assessora grupos populares, especialmente de mulheres. É professora visitante em diferentes universidades e centros de aprendizado no Brasil e no exterior. Em 1998, defendeu a tese doutoral em Ciências Religiosas em Louvain, Bélgica, sobre o problema do mal feminino, traduzido para diferentes línguas. Por mais de 15 anos tem vivido num bairro popular de Camaragibe, a 25 Km de Recife. Membro da Associação de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo, ASETT e do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero (NEMGE) - SP e consultora de diferentes organizações populares. Publicou vários artigos e livros dos quais os mais recentes são: **Teologia Ecofeminista**. São Paulo Olho d'Água, 1988; **Le mal au féminin - Réflexions Théologiques à partir du féminisme**. Paris: L'Harmattan, 1999 e **Longing for Running Waters**. Minneapolis: Fortress Press, 1999; **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis: Vozes, 2000.*

IHU On-Line – Como a senhora vê o movimento feminista atualmente ?

Ivone Gebara – Devemos pensar mais no movimento feminista a partir do final do século XX. Ainda estamos bem no começo do século XXI e não sabemos quais são as voltas que o movimento vai dar. O movimento feminista é extremamente plural. Muitas coisas até contraditórias são chamadas de feminismo. Estou falando especialmente na América Latina e, mais particularmente, no Brasil. Mas, de maneira geral, eu situaria o movimento feminista como um movimento social de cidadania das mulheres, uma cidadania que quer ser plena, que não significa necessariamente igual a dos homens. Eu não estou dizendo que a cidadania de todos os homens é real. Sabemos que a grande maioria da população masculina não chega ao Brasil a ser, de fato, cidadã. Mas, enfim, a raiz do movimento feminista é um movimento de luta por direitos de cidadania, direitos de igualdade, direitos diante da lei, direitos na família, na religião, em todos os setores da atividade humana uma igualdade de direitos, mas diferenciada evidentemente para a realidade das mulheres.

IHU On-Line – Como surgiu o que chamamos de teologia feminista e como ela se relaciona com os movimentos feministas atuais?

Ivone Gebara – No Brasil, a teologia feminista toma corpo especialmente na década de 1980. E ela, sem a menor dúvida, recebe um grande impulso da militância dos movimentos de mulheres e esses movimentos, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro, um pouco no